

COLMEIA SOLIDÁRIA

Gabriel Cunha

Graduando em Relações Econômicas Internacionais - UFMG

Gabrielle Lima

Graduanda em Relações Econômicas Internacionais - UFMG

Mariana Rodvalho

Graduanda em Relações Econômicas Internacionais - UFMG

APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O grupo Colmeia surgiu em 2014 como uma iniciativa de estudantes da Faculdade de Ciências que decidiram se aprofundar na discussão teórica e prática sobre Economia Popular e Solidária. Surgiu como um grupo de estudos e leituras, para então propor ações no âmbito da pesquisa e da extensão. O grupo conta atualmente com docentes e alunos de graduação e pós-graduação de diversos cursos da UFMG.

A compreensão do fenômeno urbano no Brasil passa pelo reconhecimento da diversidade de formas organizativas e inserções ocupacionais presentes na economia brasileira neste século. Para além da informalidade, trata-se de unidades produtivas que não cabem nas análises econômicas tradicionais, uma vez que não se voltam prioritariamente à maximização de lucros e nem têm sua produção organizada para fins estritamente econômicos. Em boa parte dos casos, o princípio do mercado convive com outros modos de integração econômica, como a domesticidade, a reciprocidade e a redistribuição (Polanyi, 2011). Os laços de parentesco e de convívio por vezes marcam a coincidência entre o espaço de vida e o espaço da produção (Coraggio, 2000, 2008).

São diversos os conceitos voltados à compreensão das unidades de produção que não cabem completamente na economia empresarial capitalista e nem na economia do setor público. Na América Latina, a economia popular é realçada nos trabalhos de Coraggio (2000, 2008) e Razeto (1983, 1993) como locus da reprodução de boa parte da classe trabalhadora, vítima do desemprego em fins do século XX. Já a economia solidária é associada no Brasil a uma possibilidade pós-capitalista com base na autogestão e na ausência de exploração do trabalho pelo capital (Singer, 1997, 2002; Gaiger, 2007). Embora a configuração atual aponte um

conjunto de formas desintegradas e marcadas pela carência e precariedade, é em parte das organizações individuais, familiares e associativas de base popular, que verificamos a perpetuação e repasse intergeracional do conhecimento tradicional e de formas, em essência, criativas. Pode-se então pensá-las como mais que um paliativo em situações de desemprego ou como um resultado da insuficiente generalização do mecanismo de mercado e de seus critérios de eficiência. Trata-se de enfatizar a outra racionalidade explícita nessas organizações, bem como sua heterogeneidade e complexidade, como potencial para a construção de alternativas de desenvolvimento.

Nesse sentido, o grupo Colmeia busca se aproximar-se das práticas populares e solidárias em Belo Horizonte e Região Metropolitana, buscando identificar as principais características e gargalos dos empreendimentos e iniciativas, bem como associar-se à rede de movimentos sociais e organizações de apoio e fomento ligadas ao tema, de modo que possa construir uma agenda de formações e espaços comuns dentro e fora da universidade e, portanto, compreender as práticas e desafios dessa produção.

No âmbito universitário, essa ação se mostra de extrema relevância, tendo em vista a escassez de trabalhos de extensão relacionadas ao curso de Ciências Econômicas e a possibilidade de vivências externas ao campus, permitindo a aproximação e diálogo entre os saberes acadêmico e popular no tema. Nesse sentido, o grupo realiza a Feira de Economia Popular e Solidária Face/UFMG, que vem modificando o espaço físico e social da Face há cerca de 5 anos. Este é o meio pelo qual o Colmeia, todos os meses, estabelece relações mais próximas com trabalhadores da economia popular e solidária. As vivências desenvolvidas nas feiras permitem trocas entre o saber acadêmico e popular, superando o discurso e a prática de hegemonia acadêmica científica. Essas experiências nos levam, ainda, a compreender a racionalidade existente no movimento de Economia popular e solidária de um ponto de vista interno e participativo, além de serem uma ótima forma de conhecer melhor os frequentadores de nossa própria faculdade.

A metodologia adotada pelo Colmeia se estrutura através da aproximação entre os saberes acadêmico e popular, buscando a construção de redes junto a movimentos sociais, organizações de apoio, entidades do setor público relacionadas à Economia Popular e Solidária, e da consequente formação de conhecimentos interdisciplinares e práticas relacionadas ao tema. Também, reconhece o extensionista (estudante ou docente) como participante do processo histórico-social em estudo. Sendo assim, a Economia Popular dentro do projeto não representa apenas um objeto de estudo, mas também um meio de aprendizado proporcionado pelo contato

com o saber popular, e de intervenção social em busca de relações econômicas mais justas e sustentáveis.

AÇÕES VINCULADAS AO COLMEIA

O programa de extensão Colmeia tem dois projetos concluídos e dois projetos ativos no momento. Partindo do objetivo de conformar uma rede de solidariedade junto a empreendimentos, movimentos sociais e organizações de Belo Horizonte e Região Metropolitana, originaram-se o projeto de assessoria aos comerciantes do Shopping Popular Caetés e o projeto Feira UAI. Esses projetos, já concluídos, permitiram compreender os espaços, lutas e desafios que constituem o dia a dia dos atores da Economia Popular na cidade.

O projeto “Assessoria a Empreendimento Econômico Popular: Associação de Comerciantes do Shopping Caetés”, ativo entre outubro de 2017 e fevereiro de 2019, objetivou apoiar o processo de consolidação desta associação em torno da autogestão e dos demais valores da economia popular e solidária. O Colmeia, em conjunto com a associação e em articulação com a Prefeitura de Belo Horizonte, elaborou um plano de negócios visando a viabilidade econômica das atividades do Shopping e propondo ações para sua consolidação e expansão.

O Projeto “Feira UAI - UFMG Artesanal Internacional”, desenvolvido entre agosto de 2017 e setembro de 2019, buscou criar possibilidades de inserção de produtos artesanais e agroecológicos produzidos por grupos que adotam práticas solidárias no ambiente internacional, por meio do comércio justo. Para isso, promoveu feiras em eventos com público estrangeiro na UFMG e promoveu aprendizado e reflexão sobre economia solidária, comércio justo e consumo consciente com a oferta da disciplina de Economia Social Solidária e Comércio Justo a 80 alunos dos cursos de graduação em Ciências Econômicas e Relações Econômicas Internacionais.

A “Feira de Economia Popular e Solidária da FACE/UFMG”, projeto ativo desde agosto de 2014, é hoje a principal frente atuação do Colmeia. Ao abrir a universidade para variados empreendimentos da economia popular e solidária, além de promover a comercialização, a Feira pauta alguns dos temas centrais da agenda interna do Colmeia. As discussões sobre economia popular e solidária, redes solidárias, agroecologia, agricultura urbana, reforma agrária, agricultura familiar, comércio justo e consumo solidário, feitas dentro do espaço da universidade, são essenciais para pensar o contexto latino americano, no qual Economia Popular e seus desdobramentos é parte estruturante.

Uma ação paralela às feiras começou a ser desenvolvida em 2019 pelos estudantes membros do Colmeia. O Retina Solidária é um projeto de fotografia documental que tem por objetivo dar visibilidade às histórias dos produtores e produtoras de empreendimentos da Economia Popular e Solidária e da Agroecologia da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Os estudantes visitam os locais de produção dos grupos e documentam as histórias narradas por meio da fotografia. As fotografias são disponibilizadas na conta do projeto no Instagram. Por fim, o mais recente projeto aprovado tratará de elaborar e executar soluções às restrições à comercialização colocadas aos empreendimentos da economia popular e solidária, durante a pandemia do vírus covid-19. O projeto “Covid-19 e a economia popular solidária: construindo soluções em tempos de pandemia” será desenvolvido em doze meses, a partir de junho de 2020.

O ESTUDO DA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA FACE

Um estudo em desenvolvimento sobre a Feira de Economia Popular e Solidária da FACE/UFGM, principal frente de atuação do Colmeia, tem permitido ao grupo compreender aspectos relevantes sobre o perfil de produtores e empreendimentos que têm construído essa ação ao longo dos últimos anos. Como resultados preliminares da análise de 40 questionários aplicados junto aos participantes em 2019, podemos destacar que as mulheres representaram 83,8% do total de produtores presentes nas feiras, além de serem maioria na composição de 90% dos empreendimentos. Quanto à autodeclaração de cor/raça, 57,5% das(os) feirantes declararam-se Pretas(os) ou Pardas(os), enquanto 42,5% declararam-se Brancas(os). Os dados também apontam uma diversidade de formações, municípios de nascimento, renda, composições familiares e tempos de experiência no movimento de economia solidária, que dão características importantes à Feira.

Com relação à composição dos empreendimentos, 57,5% são compostos por 3 ou mais pessoas e 60% são majoritariamente compostos por pessoas da mesma família. As feiras são o principal canal de vendas dos produtos para 92,5% dos empreendimentos analisados, mas além de um espaço de comercialização, a Feira da FACE também se configura como um espaço importante de vínculos, trocas de saberes e contatos, tanto para os produtores quanto para os estudantes. As práticas solidárias também são observadas nos processos de autogestão, tomada de decisão coletiva, definição de preços, compra de insumos, repartição das sobras financeiras e produção. O artigo fruto dessa pesquisa será publicado e apresentado no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE A PANDEMIA CAUSADA PELO COVID19.

Durante a quarentena, o Colmeia deu início a algumas ações remotas, buscando apoiar os empreendimentos da Economia Popular e Solidária durante o momento de crise, além de continuar incentivando o debate e a formação de espaços voltados a essa forma de produção. Abaixo, apresentamos algumas das ações promovidas pelo grupo.

A primeira ação realizada pelo Colmeia foi a produção de um Catálogo Virtual de Economia Popular e Solidária, elaborado a partir de um pequeno formulário onde os produtores poderiam se cadastrar para ter seu empreendimento e informações expostos no catálogo. O objetivo era incentivar, dentro do contexto de quarentena, o consumo e apoio àqueles que trabalham e produzem nessa forma de economia. Foram elaboradas duas versões do catálogo, uma contendo os empreendimentos de artesanato e confecção, e outra contendo os empreendimentos de alimentação agroecológica, limpeza e higiene pessoal, mudas e sementes. Os catálogos são atualizados com os novos produtores inscritos toda sexta-feira.

Pensando no aumento do consumo de conteúdo em redes sociais, o Colmeia iniciou também uma série de vídeos curtos, postados no Instagram TV (IGTV), onde convidados falam sobre o cenário e consequências da pandemia sobre as classes populares e outros grupos sociais. Foram convidados professores e discentes da Faculdade de Ciências Econômicas, ex-alunos que atualmente se debruçam sobre grupos vulneráveis e participantes de movimentos sociais.

Ainda, demos continuidade ao grupo de estudos em Economia Popular e Solidária de forma remota, com encontros quinzenais de debate de bibliografia sobre o tema. Consideramos importante destacar que o Colmeia tem contribuído com o conhecimento acadêmico no tema, a partir da produção de artigos, teses, dissertações, capítulos de livros, entre outros formatos.

Por fim, durante o mês de junho, daremos início a diferentes ações que visam prestar apoio aos produtores durante a pandemia, com a construção de um canal de comunicação permanente entre produtores e o grupo, um manual de vendas online e a elaboração de conteúdos voltados para os produtores. O canal de comunicação funcionará como um meio onde os produtores poderão compartilhar dúvidas e soluções sobre vendas online e outros temas relacionados à comercialização durante a pandemia. O manual de vendas online buscará, através de uma linguagem simples e eficaz, sugerir e ensinar métodos que auxiliem no comércio online desses empreendimentos. Por fim, os conteúdos a serem elaborados em formato de

materiais informativos, tais como vídeos, cartilhas, posts, entre outros, serão construídos com base nas demandas expressas pelos empreendimentos.

RELATOS DE ESTUDANTES ENVOLVIDOS

Gabriel Cunha, estudante de Relações Econômicas Internacionais, 3º período:

“Minha participação no Colmeia começou ainda no segundo período. O projeto tem me permitido viver a universidade além da graduação, e pensar a economia fora dos limites das teorias tradicionais, onde há mais espaço para reflexões críticas. Essas reflexões ocorrem, principalmente, por meio do grupo de estudos. Além disso, nos encontros são discutidas pautas relativas à feira Face de economia popular e solidária, o projeto do Colmeia no âmbito da extensão.

A cada intervenção que a feira faz no espaço físico da Face, acontecem também intervenções subjetivas. Nesse sentido, a feira, além de garantir um lugar para que os produtores comercializem seus produtos, permite a propagação de valores como o comércio justo, a sustentabilidade e o feminismo, que estão presentes e alguns empreendimentos. É de grande valor para a minha formação poder experimentar como esses valores se manifestam fora do ambiente acadêmico.

No contexto da pandemia, o Colmeia tem atuado na busca por criação de melhores condições para que os trabalhadores populares enfrentam o momento. Dentre as ações desenvolvidas, uma que me admirou muito foi a nota técnica elaborada pelas bolsistas e a professora Sibelle. Foi interessante ver sua capacidade mais imediata de intervenção na realidade, ao ser citada mais de uma vez em reunião sobre a situação dos trabalhadores populares na pandemia, que pode influenciar o desenvolvimento de políticas públicas no assunto.”

Gabrielle Lima, estudante de Relações Econômicas Internacionais, 5º período:

“Conheci o Colmeia no final do meu 2º período, e me envolvi com o grupo a partir do 3º período. Além da experiência acadêmica relacionada à pesquisa e produção de conhecimento que o Colmeia tem me proporcionado, o projeto, na qualidade de extensão, tem me permitido pensar criticamente a pesquisa, reavaliando “qual o objetivo” e “para quem” o conhecimento é construído. Dessa forma, o Colmeia permite e ensina a me colocar no mesmo lugar em que produtores, feirantes, vendedores e

empreendimentos quanto aos saberes que produzimos, aprendendo a me comunicar com eles como iguais - e não ter o conhecimento acadêmico como superior às outras formas de conhecimento. Dessa forma, tenho aprendido sobre a prática solidária enquanto acadêmica como forma de estabelecer pontes entre a universidade e comunidade.”

Mariana Rodovalho, estudante de Relações Econômicas Internacionais, 10º período:

“A extensão é um dos pilares da minha trajetória como estudante de graduação desde o princípio, mas foi através do Colmeia que tive as experiências mais cheias de significado e aprendizado. O projeto, em toda a sua complexidade, me permitiu ir além da Feira, que por si só é rica em trocas de saberes, e conhecer a Economia Solidária em seu íntimo, em suas relações e desafios cotidianos, nas histórias dos produtores e dos empreendimentos e no compromisso com princípios que guiam o movimento. Solidariedade, cooperação e autogestão, na diversidade de atividades da Economia Solidária, se materializaram também nas fotografias e narrativas do Retina Solidária, mostrando na prática que uma outra economia é possível. O cenário atual reforça ainda nosso papel enquanto universidade, por meio da pesquisa e da extensão, na construção participativa de soluções efetivas de apoio aos produtores.”

Foto 1: Roots Ativa



Feira da FACE/UFMG, 05 de novembro de 2019. Por Mariana Rodovalho.

Foto 2: Coopercom.sol



Feira da FACE/UFMG, 19 de novembro de 2019. Por Mariana Rodvalho.

Foto 3: Ânís Aromaterapia



Feira da FACE/UFMG, 05 de novembro de 2019. Por Mariana Rodvalho.

Foto 4: Chimi-churri



Feira da FACE/UFMG, 05 de novembro de 2019. Por Mariana Rodovalho.

Redes sociais:

Instagram: @ufmgcolmeia - <https://www.instagram.com/ufmgcolmeia/>

Facebook: <https://www.facebook.com/colmeiasolidariaufmg/>

Blog: <https://colmeiasolidariaufmg.wordpress.com/>

Twitter: @colmeiaufmg - <https://twitter.com/colmeiaufmg?s=20>

Referências

CORAGGIO, J. L. **Da Economia dos Setores Populares à Economia do Trabalho**. In: KRAYCHETE, G. et al. (Orgs.). *Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia*, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 91-133

CORAGGIO, J. L. La sostenibilidad de los emprendimientos de la economía social y solidaria. **Otra Economía**, v.2, n.3, p.41-57, jul./dez. 2008.

GAIGER, L. I. G. **A economia solidária no Brasil: refletindo sobre os dados do primeiro mapeamento nacional**. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2, 2007, Florianópolis. Anais eletrônicos: Florianópolis, 2007.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens da nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RAZETO, L. **De la Economía Popular a la Economía de Solidaridad en un Proyecto de Desarrollo Alternativo**. Ciudad de México: Instituto Mexicano de Doctrina Social Cristiana, 1993.

RAZETO, L. et al. **Las Organizaciones Económicas Populares**. Santiago: Ediciones PET, 1983.

SINGER, P. I. Economia solidária: geração de renda e alternativa ao liberalismo. **Proposta**, ano 26, n.72, p. 6-13, mar./mai. 1997.

SINGER, P. I. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.